



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 7, v. I maio.-out. 2017
p. 280-299.

Deslocamentos subjetivos das transmasculinidades brasileiras contemporâneas

João Walter Nery¹

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão F^{o2}

RESUMO: Este artigo pretende apresentar algumas das experiências e deslocamentos subjetivos de transmasculinidades brasileiras, identificadas em postagens de Facebook e em entrevistas, objetivando contribuir social e academicamente no (re)conhecimento de alguns dos aspectos e demandas identitárias que envolvem este segmento populacional específico.

PALAVRAS-CHAVE: Transmasculinidades; transgeneridades; transexualidade; transhomens; identidades trans.

Abstract: This article intends to present some of the experiences and subjective movement of Brazilian transmasculine individuals, mainly identified on Facebook posts and in interviews, aiming at contributing social and academically in (re) acknowledgment of some aspects and identity demands concerning this certain segment of the population.

Keywords: Trans-masculinities; transgenderisms; transexuality; trans men; trans identity.

Resumén: Este artículo pretende presentar algunas de las experiencias y desplazamientos subjetivos de transmasculinidades brasileñas identificadas en posts de Facebook y entrevistas, con el propósito de contribuir social y académicamente para el (re)conocimiento de algunos de los aspectos y demandas identitarias que involucran este segmento poblacional específico.

Palabras clave: Transmasculinidades; transgeneridades; transexualidad; transhombres; identidades trans.

¹ Graduado em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IP/UFRJ), professor universitário, psicoterapeuta e pesquisador em gênero, especializado em Sexologia pelo Instituto Estadual de Diabetes e Endocrinologia (IEDE). Primeiro transhomem operado no Brasil em 1977. Depois da publicação de Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois (2011) e de depoimentos na mídia, tornou-se referência nacional como ativista pelos direitos humanos com ênfase na causa LBGTTTTI+. E-mail: joaownery1@gmail.com.

² Presidentx da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR, 2015-2017 / 2017-2019). Pós-Doutorx em Ciências Humanas pelo Programa Interdisciplinar da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-Doutorandx em História pela UFSC. Doutorx em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Mestrx em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Graduatx em História pela USP. E-mail: edumeinberg@gmail.com.

Recebido em 07/11/16
Aceito em 11/03/17

1. Introdução

O objetivo deste artigo é identificar perspectivas e microconcepções das *transmasculinidades*, apresentando informações acerca de um segmento tão pouco conhecido e que permanece num entre-lugar, como mencionaremos a seguir. A metodologia empregada foi a da observação participante em fóruns, grupos do Facebook, questionários, entrevistas “off+online” e, sobretudo, a de conversas *inbox* das necessidades e expectativas dos transmasculinos adicionados no perfil *João W Nery II* (feito exclusivamente para atender a esta população, oferecendo ajuda, sugerir amigos trans do seu estado para trocar ideias e dar informações de profissionais, já que a maioria se encontra perdida sem saber por onde começar sua adequação de gênero). Em função disso, Nery criou 26 grupos secretos, por estado, para contabilizar os transhomens no Brasil. Até fevereiro de 2017 foram adicionadas cerca de 3000 pessoas autodeclaradas transmasculinas, sendo esse, provavelmente, o primeiro censo relacionado a esse grupo³. Tem também como objetivo a obtenção de dados para conseguir políticas públicas. A análise representa uma netnografia em construção contínua. No texto que segue, adotaremos nomes fictícios para garantir o anonimato das pessoas, com exceção dos que já postaram publicamente os seus relatos.

Dentro do vasto espectro das transmasculinidades que surgem, destacam-se aquelas independentes das adaptações corporais e as aglutinadoras de *identidades não-binárias*, que são parcialmente invisibilizadas nos ativismos e na própria comunidade transmasculina. Esse é um dos maiores desafios que os transhomens enfrentam em uma de suas organizações, o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT): o fato de habitarem um entre-lugar. Por um lado, ao reivindicarem e ressignificarem masculinidades, os transhomens são entendidos como aspirantes a privilégios machistas. Por outro, essas masculinidades não são reconhecidas e sofrem diretamente a opressão machista: seus corpos são lidos como estupráveis e seguem marcados pela tutela e controle que caracterizam a relação da sociedade com os corpos das mulheres. Isso impacta diretamente tanto a construção da identidade de gênero e modificações corporais quanto à vivência da sexualidade, ao desejo e à vida social.

Apresentaremos, no texto, sucintamente, algumas das múltiplas relações referentes à identidade e expressão de gênero, como também à orientação sexual e afetiva; a opressão estendida a essas pessoas ao observarmos um recorte de classe e raça nas transmaculinidades. Para terminar,

³ Observe, nos anexos ao final do artigo, uma tabela confeccionada por Nery, contendo a listagem de transhomens autodefinidos *binários* com os autodeclarados *não-binários* (que se altera diariamente).



apresentaremos a questão tabu do imaginário na masturbação, da gravidez e pa(ma)ternidade (e suas implicações) e a questão do (re)conhecimento da autoimagem.⁴

2. Identidades e expressões de gênero, orientações sexuais e afetivas nas transmasculinidades não binárias (n-b)

Desde o 1º Encontro do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT), em 20 de fevereiro de 2015, esta entidade resolveu acolher as pessoas transmasculinas, autodeclaradas não-binárias, como uma forma de não discriminação e de enriquecimento, sob o lema “juntos somos mais fortes”.

A *identidade de gênero* é a forma com que a pessoa se sente/percebe em relação ao seu gênero. Pode ser feminina, masculina ou algo entre esses dois, (incluindo os dois ao mesmo tempo ou nenhum), enquanto a *não-binariedade de gênero* se refere a um amplo espectro de identidades não-conformes com o gênero designado no nascimento (no caso aqui, do sexo feminino), sem necessariamente se identificar com o gênero “oposto”. Suas múltiplas características variam da ageneridade à pangeneridade em possíveis bricolagens de gêneros binários e/ou não-binários (MARANHÃO Fº, 2014). Muites⁵ não têm a intenção e/ou a necessidade de adaptar sua aparência feminina à sua identidade masculina. A narrativa de Alberto⁶ exemplifica bem esta questão:

Sou transhomem e não-binário na maior parte do tempo. Não me encaixo no padrão de transmasculinidade. Visto saia, uso maquiagem se eu quiser. E me sinto totalmente homem. Quando quero me visto mais ou menos feminino e, às vezes, misturando os dois gêneros. É sim, minha identidade é de não-binário e transmasculino ao mesmo tempo, e minha expressão de gênero varia entre não-binário masculino e, às vezes, feminino. A orientação afetiva é direcionada à gente, não tenho uma preferência clara. E a orientação sexual é só gay. Curto transar com homens e nesta hora só me vejo homem. E me masturbo com muita frequência, sempre me vendo como homem nesta hora. E o cara? Eu vejo só como homem. Não vejo ele nem como mulher nem como não-binário, não. É uma relação plenamente homossexual. [...] Eu ficava com um priminho quando era pequeno. Éramos duas crianças que se tocavam, dois meninos, mesmo que eu tivesse corpo de menina éramos dois meninos. Não quero transicionar meu corpo.

⁴ Sobre as relações entre transmasculinidades e internet, especialmente no Facebook, ver: NERY e MARANHÃO Fº, 2013 e 2015. Para saber mais sobre transmasculinidades, ler outros trabalhos de Nery (2011, 2015a, 2015b (este com Gaspodini). Acerca das relações entre subjetividades trans* em geral e Facebook, acesse: MARANHÃO Fº, 2014a, 2014b, 2016d. Maranhão Fo. Escreveu ainda sobre os impactos de discursos religiosos, especialmente evangélicos, na subjetivação de pessoas trans* (em 2014b, 2015a, 2015b, 2015c, 2016a, 2016b, 2016c, 2016d).

⁵ Será usado a vogal “e” representando a neutralidade de gênero quando houver referência às *pessoas não-binárias*.

⁶ Alberto. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº. São Paulo, 2012.



Roberto⁷ é outro exemplo de uma identidade transmasculina n-b:

Sendo gênero fluído prefiro não passar pela harmonização. Essa transição iria me definir mais como um gênero e eu me arrependeria. Há um tempo venho desconstruindo tudo que criaram em cima do meu sexo biológico para finalmente poder descobrir, construir quem eu sou de fato. Estou tentando desconstruir o que me foi imposto socialmente para tentar me reconstruir como pessoa. Às vezes é insuportável usar um vestido e bancar a menininha, mas, em outras, é a coisa mais natural do mundo, me vestir ou me comportar assim. Algumas pessoas me disseram que é fase, crise ou qualquer outra coisa... mas quando paro para analisar chego a conclusão que sempre fui assim. Descobri recentemente que chamam como me sinto de Genderfluid... acho que foi um alívio ver que existem pessoas como eu. Metade do meu roupeiro é feminino e a outra metade de coisas masculinas.

Pra ser sincera me sinto anormal por ter um útero. E a “monstruação” me faz sentir uma aberração. Os seios, na época da pré-adolescência incomodavam... hoje nem tanto. Da pra esconder. Não penso fazer a mastecto. Tenho usado o pronome mais no feminino por hábito mesmo. Mas de vez em quando mudo. Sempre tentei competir com os meninos cis. Sou bissexual.

Algumes n-b⁸ se percebem *agêneres* (sem gênero) ou *bigêneres* (com dois gêneros, não necessariamente binários) ou nenhum dos dois. Há, dentre muitas equações possíveis, quem se entenda metade menino e metade agênera, ou parte bigênera, parte só menino e parte alguma outra coisa. Além das *identidades n-b*, é possível pensarmos em *expressões de gênero n-b*, que é a maneira como a pessoa *se apresenta* socialmente, de acordo com uma série de normas e convenções sociais, através das roupas, gestos, modo de falar, etc. Pode ser “classificada” genericamente em feminina, andrógina ou masculina. As expressões de gênero nem sempre são congruentes ou concordantes com a identidade de gênero. Uma pessoa com identidade masculina pode apresentar uma expressão masculina, andrógina/não-binária ou feminina. Pessoas n-b em geral estão em um lugar identitário que não as situa como *totalmente mulher* ou *homem* (MARANHÃO F^o, 2014).

Nem identidade nem expressão de gênero tem a ver, necessariamente, com determinadas expectativas sociais sobre o que é *ser mulher* ou *homem*. Para às ciências bio-médicas e jurídicas, o parâmetro é do naturalismo genital, o que releva o gênero a um plano secundário. Entretanto, não é o que afirma Nery, quando diz: “não preciso de um pênis para me sentir masculino”⁹ nem para a ativista, travesti e vereadora suplente Indianara Siqueira, que costuma se definir como “uma pessoa

⁷ Roberto. Entrevista concedida a João W. Nery. Rio de Janeiro, 2012.

⁸ *N-b* é abreviatura de *pessoas não-binárias* ou *não-binárias*.

⁹ Nery. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão F^o. Belo Horizonte, 2011. E também: <http://igay.ig.com.br/2013-03-11/joao-w-neri-nao-preciso-de-um-penis-para-me-sentir-masculino.html>. Acesso em 15 fev. 2016



de peito e de pau”¹⁰. Para as identidades de gênero em trânsito ou *entregêneros* – há diversas formas de autodeclarações, como: FTM (*female to male*), transhomens, homens trans, transgêneros, neutrois, pângeneres, agêneres, bigêneres, *genderfluids*, *genderfuckers*, *genderbenders*, *genderbreakers*, *genderpivots*, não-binárias, epicenes, demigêneres, etc (MARANHÃO Fº, 2014). Em 2016, Nova Iorque deu o exemplo reconhecendo 31 tipos de identidade de gênero.¹¹

Quanto à *orientação sexual*, essa pode ser entendida como a atração¹², o desejo erótico de alguém por uma pessoa ou objeto, e o alvo de interesse pode ser específico ou abrangente. Assim, um homem trans que aprecie outros homens (trans* ou cis) e mulheres pode ser considerado bissexual.

Já *orientação afetiva* ou *romântica* não deve ser confundida com orientação sexual. As orientações comumente (re)conhecidas são a hetero e a homoafetiva, mas há uma ampla diversidade¹³. No caso das pessoas não-binárias, que não costumam se identificar nos pólos dicotômicos *mulher ou homem*, não se toma como referência esses termos. Uma alternativa, pensando na relação entre n-b e pessoa binária (pessoas cis ou pessoas trans* podem ser binárias), é utilizar, por exemplo, *andro* (de homem) *afetive*. Outras possíveis orientações afetivas para pessoas não-binárias: além do *androafetive* (*androromântique*), *não-bináriefetive* (*não-binárieromântique*), etc. Em relação à afetividade dos n-b: *demiboyafetive* (*demiboyromântique*), *bigênerafetive* (*bigênereromântique*), etc (MARANHÃO Fº, 2014).

3. Relações afetivo-sexuais nas transmasculinidades

Uma das questões delicadas é a de como contar à pessoa com quem se relaciona que se é uma pessoa transmasculina. Muitos transhomens preferem contar o “segredo” depois de algum tempo de relacionamento, como justifica Matias: “Tem mina q se contar assim de repente, ou fecha a cara e vaza, pq não tava esperando nada daquilo, ou então, já fica na curiosidade e quer experimentar, já pensa em sexo com o cara”. Alguns escolhem contar logo, como Joel:

Falo na lata pra evitar me iludir e causar situações constrangedoras. Se a pessoa quiser me conhecer, é aceitando quem de fato sou. Faço o possível para que ela entenda que não sou menos homem por ser

¹⁰ Siqueira. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº. Belo Horizonte, 2011. E também: <http://www.nlucon.com/2016/02/destruir-e-nao-me-inserir-diz.html>. Acesso em 15 fev. 2016.

¹¹ <https://www.agambarra.com/nova-york-31-generos>.

¹² Ou não no caso de pessoas assexuadas – lembrando que nem todas as pessoas que se identificam assexuadas deixam de ter desejo sexual eventualmente.

¹³ Por exemplo, *a-afetiva* ou *arromântica* (apelidade de *aro*), *biafetiva*, *poliafetiva*, e *panafetiva*: (MARANHÃO Fº, 2014b, p. 34).



trans, e que pelo contrário, possuo vantagens em relação aos homens cis kkk (isso claro, muito sutilmente, para não parecer esnobe uhaauh).

Tem os que ficam em dúvida e pedem conselho, como Leandro¹⁴, que já tem barba e bigode:

Estou me relacionando com uma cis hetero. A gente já teve relação sexual, mas ainda não abri o jogo que sou trans, mas sei q ela desconfia. Tenho medo de explicar e ela me ver de outra forma. Ela já tá bem na minha apesar de não fazer um mês, ela tentou fazer coisas que nenhum cis negaria e eu tive que negar. Primeiro bater punheta dai disse não, depois pediu desculpa se achei ela muito ousada, mas depois que transamos ela falou, vc não sabe o que posso fazer com a boca, ela fez eu botar a camisinha. Ela saca que eu sou estranho.

Tem também a questão de como se apresentar aos pais dela/e, e cada um arranja um jeito. Para Ciro¹⁵, foi assim:

Contei que era um menininho por dentro e ela achou engraçadinho e disse que serei o menininho dela.. o homem.. pra sempre já que nasci assim... a verdade é a melhor sempre. Mas os pais dela nem podem me conhecer ainda, conheço ela por net.

Quase nenhuma transa no primeiro encontro, como explica Thadeu¹⁶: “O meu corpo é algo que não deixaria qualquer pessoa ver. Teria que me conhecer muito bem e ganhar minha confiança. Se ela quisesse, eu provavelmente não iria querer. Iria me chamar de gay, mas fodas”.

Jeferson¹⁷ se sente desconfortável fazendo sexo com a namorada:

Me sinto menos homem não por pênis nem nada, mas conversando com minha namorada, ela falou q meu jeito é totalmente diferente dos outros caras, que são tão mais loucos, tão mais zuãos. Eu não tô conseguindo ser assim e no sexo, depois de ouvir isso, me sinto diferente tb.

Glauco rebateu: “Não dá pra comparar os homens bio com os ftm. Fomos criados para ser de outra forma e, por isso, claro que vai ter diferenças. Que bom que eu não sou igual! A intenção é ser diferente”!

Essa “herança de gênero” (a bagagem do mundo social feminino) é uma das marcas das transmasculinidades, o que possivelmente os difere dos homens cis, já que a maioria foi criado para o mundo privado e não para o público.

¹⁴ Leandro. Entrevista concedida a João W. Nery. Rio de Janeiro, 2012.

¹⁵ Ciro. Entrevista concedida a João W. Nery. Rio de Janeiro, 2012.

¹⁶ Thadeu. Entrevista concedida a João W. Nery. Rio de Janeiro, 2012.

¹⁷ Jeferson. Entrevista concedida a João W. Nery. Entrevista. Rio de Janeiro, 2012.



Na maior parte dos casos só depois de se ter condições emocionais e/ou financeiras é que começa a transição. A crescente dificuldade para se fazer entender perante o outro e/ou a si mesmo também é um fator decisivo para surgir o desejo de se harmonizar. Quando se tem um companheiro/a/e que aceita apoiar as modificações geradas para ambos, facilita o procedimento. Mas há muitos casos em que os conflitos gerados são intensos e confusos. Observem a pergunta de Breno¹⁸:

Quem conheceu a namorada em condição de "lésbica" (pq vc a conheceu sem saber de sua condição de transhomem) e que agora ela está passando ou já passou pela fase de transição com vc? Ou seja, quem tem uma namorada lés e q pra continuarem juntos, ela tb irá passar por uma nova readaptação de orientação sexual, portanto, terá de se adaptar com a condição de hetero ou bi?

Uma das namoradas, que estava no grupo, se manifestou:

Oi... Vim dividir um pouco da minha experiência. A parte mais difícil p mim é mudar as terminações fem para masc, ainda estou em transição...rs, Meu amor foi minha primeira namorada e eu "dela", então passamos por uma descoberta jnts, pq era tudo mto novo p nós. Depois de alguns anos, estamos passando por mais uma descoberta, o sentimento não é novo, pois sua insatisfação com os seios, seu jeito, suas vontades sempre existiram, mas não a possibilidade disso tudo acontecer. Apoio de verdade, qro que ele se sinta bem, isso é o mais importante p mim. Foi complicado no começo, mas só precisava parar p colocar os pensamentos no lugar e to mto feliz de poder acompanhar todo o processo msm distante e a única coisa que eu peço é MUITO para ir aos médicos, fazer tudo com calma e direitinho. É uma mudança não só para ele, mas tb para quem está ao lado. (Depois desta declaração ela foi pedir a Nery indicação de um psicólogo para o casal).

Tais narrativas demonstram que nem sempre o transhomem é aceito com todas as características que ele gostaria de conquistar em termos corporais e/ou subjetivos e que a transição implica também na adaptação dos familiares e conhecidos.

4. O preconceito expandido

É importante registrar que, além da transfobia internalizada, pode existir uma *intolerância intragenerificada*¹⁹ da pessoa trans* transicionada (ou que pretende transicionar²⁰) em relação à não transicionada (e que não tem essa pretensão). Pode ocorrer ainda uma discriminação da pessoa trans* hétero em relação àquela que se define gay, bi, pan, poli ou assexuada (MARANHÃO Fº, 2014) – e obviamente, a intolerância de outras pessoas trans* que escapam à *heteronormatividade*,

¹⁸ Breno. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº. São Paulo, 2012.

¹⁹ Expressão utilizada por Maranhão Fº (2014), que explica, na mesma tese, que a intolerância *intragenerificada*, assim como a *extragenerificada*, costuma ser também *interseccional* (2014).

²⁰ Ato de iniciar transformações corporais em função do gênero que se sente.



que expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade (MISKOLCI, 2009).

Parte dos transhomens associa a noção de *ser ativo* com a de *penetração*. Ser penetrado, em muitas concepções de transhomens, é sinal de perda da masculinidade ou de homossexualidade (como ocorreria em relação a homens cis), mesmo que a penetração seja feita por suas parceiras. Há transhomens que discriminam aqueles que apreciam ser penetrados de alguma forma. Como diz Breno,²¹

gosto de ser penetrado. Mas tem os que querem cagar regra e falar que não, que a gente não pode fazer isso porque a sociedade vai entender a gente como mulher, como lésbica, como *gay*, e precisamos passar a ideia do machão, fazer o homem. Pô, não sou o machão. Sou homem trans. Mas não vou deixar de ser penetrado por minha namorada, ou um namoradinho se um dia eu quiser, porque os caras falam que eu tenho de fazer o papel de macho, de ser forte e podemos ser agressivos, valentão e ter que “comer” todo mundo.

Muitos gostam da penetração sem se sentirem ameaçados. Entre esses há os que se definem hétero, *gay*, *bi* e, no caso dos que se relacionam com pessoas fora do binário mulher/homem, *poli* e *pan*. Para Thiago²²,

gosto de ser penetrado. Pode ser por mulher, homem ou não-binário. Não importa. E sou homem e hétero do mesmo jeito. Ou, às vezes, sou *poli*, *pan*... Me sinto homem de todo jeito.

Mas o duplo preconceito enfrentado - o da identidade de gênero e o da orientação sexual - pode ser percebido de muitas formas. Lauro²³ conseguiu ser aceito pelo pai como um transhomem, mas...

estava explicando pra meu pai a diferença entre transexualidade e homossexualidade e falei que eu poderia ser *gay*, ae ele falou: - Mas vc não é, né? Ele acha que se eu me assumir homem, tenho que gostar de mulher. Nos damos muito bem, mas ele tinha que mudar esse pensamento.

Além disso, após a T, alguns transhomens apresentam mudanças no comportamento, como relata Ricardo²⁴:

Sempre fui hétero, me sentia atraído por garotas, namorei algumas e nunca senti qualquer atração por homens. O "problema" começou quando comecei a usar T, agora com quatro meses, ando com

²¹ Breno. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº. São Paulo, 2012.

²² Thiago. Entrevista concedida a João W. Nery. Rio de Janeiro, 2012.

²³ Lauro. Entrevista concedida a João W. Nery. Entrevista. Rio de Janeiro, 2012.

²⁴ Ricardo, Lúcio e Thales. *Diálogo no grupo secreto do censo*. Rio de Janeiro, 2012, concedida a Nery.



vontade de ver fotos de homens nus, vídeos de masturbação masculina (nada de vídeos homossexuais) e vontade de ir a bares gays.

Será que "virei" homossexual ou isso tudo é efeito do hormônio?

Lucio responde:

O desejo sexual aumenta muito com a testo, têm alguns caras que começam a sentir desejo por homens e mulheres (são bissexuais) já outros se tornam homossexuais só após o uso de hormônios, quando a aparência física começa a ficar masculina, pois antes disso, não queria ser enxergado como mulher. Isso é algo bem curioso, quem não entende fica muito confuso... Conheci um casal q era um homem cis gay com uma menina cis hetero! Ele justificava o desejo por ela "por gostar da genitália feminina além da masculina"! E sabe, cmg acontece isso tbm! Gosto das duas genitálias, mas o masculino me dah ânsia de vômito! Vejo porno gay, qnd o homem cis assume uma posição feminina, me excita! Na verdade, eu gosto do feminino independente do genital! Será q seu caso é parecido com o meu? Se uma pessoa pode ser feminina a despeito do corpo q tem, pq vc n pode gostar do feminino a despeito do seu corpo?? Sou casadx com uma menina liiiiinda e quase sempre rola um *strap-on*²⁵! E como eu gosto das duas genitálias, trabalho com a dela e com a q compramos! Gosto dela e ela me completa em tds os sentidos, e n teria problema algum de estar com uma mulher trans, por exemplo, sem q ela tenha operado! Ser penetrado n faz d vc menos homem! Afinal, podemos usar a genitália que temos para ter prazer e a tratar do modo que quisermos.

Thales também conta que

depois que comecei a tomar T, meu "T" foi pras nuvens. Tenho muito mais vontade de transar. Antes, eu curtia menina cis. Agora, menino cis, não-binário, travesti, mulher trans, todo mundo tá sexy e atraente (risos). Só não me vejo ficando com outro homem trans. Por enquanto, né? Kkk

5. O corpo transmasculino negro e pobre

Leonardo Peçanha é um ativista transmasculino negro. Nesta entrevista, mostra o que mudou com a sua transição em relação ao aspecto racial²⁶:

Quando eu era lido como mulher negra, antes da minha adequação, eu sofria outro tipo de preconceito e de racismo. As pessoas tinham uma leitura que hipersensualizava e objetificava as mulheres negras – é claro que a mulher em si é objetificada, mas no caso da mulher negra há uma objetificação específica – que tem que ser a gostosona, a passista, a que sempre tem que servir ao homem, com determinado padrão de corpo. Mas depois que eu fiz a adequação e passei a ser lido como homem

²⁵ Dildo com cinta. https://pt.wikipedia.org/wiki/Strap-on_dildo. Acessado em 21 fev. 2016.

²⁶ <http://www.nlucon.com/2015/12/homem-trans-e-negro-leonardo-pecanha.html>. Acesso 14 fev.2016.



negro pela sociedade, o racismo mudou. Mesmo que exista o privilégio por ser homem, senti e sinto que o homem negro é visto como o bandido, aquele que rouba, que é marginal, que é ameaça e ameaçador, que é visto como uma virilidade inquestionável e a ligação cultural com o falocentrismo. **Enquanto homem negro trans, eu deixei de ser objeto para ser ameaça.**[...] eu entrei no ônibus - não havia feito a cirurgia ainda, usava o *binder*²⁷ - e percebi que uma senhora que estava no corredor foi para a janela. Conforme eu passei pela roleta e fui andando, ela tirou a bolsa de um lado e passou pra o outro. Aí eu fiquei olhando: “o que está acontecendo que ela está acuada? Ninguém fez nada”. Sentei no banco atrás dela e continuei sem entender. Só quando cheguei em casa, a ficha caiu: “é porque eu sou negro”.

Gilson²⁸, outro transhomem negro, quando perguntado sobre se mudaria os documentos, respondeu: “Tá maluco! Quase todo dia sofro batida policial na rua porque sou jovem, pobre e negro. E se eu for preso pra que cela ou presídio vão me mandar? Prefiro ficar com os documentos femininos porque assim, pelo menos, tenho a proteção da Lei Maria da Penha”.

6. Masturbação (a “punheta imaginária” dos transhomens?)

De início, realçamos que a ampla maioria dos transhomens não recorreram à *neofaloplastia*. Essa cirurgia ainda é considerada “experimental” (portanto só feita em hospitais universitários), mas somente no Brasil e só para transhomens. A opção mais aceita é a da metoidioplastia, através da qual há a soltura superior do clitóris, criando um “mini pênis”, sem nenhum comprometimento com a sensibilidade. Assim, a maioria dos transhomens possui vagina. E no que isso interfere em sua (trans)masculinidade? Para muitos, em absolutamente nada, como explica Marcelo²⁹:

às vezes toco meu órgão como se fosse uma vagina, às vezes toco meu clitóris, que cresceu bastante com a T, como um pênis, que é como eu o vejo, às vezes tudo junto... é ótimo, ainda mais depois da hormonização, que tem dia que eu tou subindo pelas paredes (risos).

Seu discurso traz a informação de que com o uso da testosterona a libido aumenta e o clitóris cresce em tamanho ficando sensível ao mínimo toque. Com o roçar contínuo do *packer*³⁰ nele, a excitação aumenta ainda mais. Daí a alta frequência de masturbação nos transhomens depois da T (testosterona). Muitos ainda usam o “*pump*” (espécie de bomba de sucção) para aumentá-lo mais, facilitando uma futura metoidioplastia.

²⁷ Qualquer peça de roupa ou de tecido que possa ser utilizada para minimizar ou alterar a aparência das mamas. Geralmente é usado para se alcançar uma aparência mais masculina ou andrógina.

²⁸ Gilson. Entrevista concedida a João W. Nery. Entrevista. Rio de Janeiro, 2015.

²⁹ Marcelo, Carlos, Gabriel, Roger, Gui, Gil. Respostas dadas à pergunta sobre masturbação feita por Nery, dentro do grupo secreto de Homens Trans do Facebook. Rio de Janeiro, 2015.

³⁰ *Packer* é a órtese em forma de pênis flácido, para fazer volume na vestimenta do transhomem.



Já Carlos, resume: “Juro a vcs que só comecei a ver graça em masturbação quando comecei a T e meu clitóris cresceu. Passei a ter um falo”. Gabriel confirma:

Me masturbo com frequência (pra quem é *forever alone* que nem eu kkk). Se eu fico muito tempo sem punheta, começo a ficar “louco”, não sei explicar, não posso imaginar nada relacionado a sexo, já fico muito excitado... Parece que me masturbar virou uma necessidade.

Roger complementa: “Muito toda hora, quando dá, aff, não tem como controlar... quando vai ver o “bang” ja ta duro kkkkkkkkk, é foda”!!

Embora não haja um padrão comportamental geral, muitos tem um trato com a genitália como se fosse um pênis, como declara Gui:

Troço complicado é esse negócio de masturbação pra mim. Nunca fiz sexo e nunca toco na minha genitália. Me dá angústia e costuma cortar todo meu tesão. Eu bato uma “punheta imaginária”, normalmente friccionando a área lá com uma toalha e fazendo de conta que ela é tipo um pinto, hehehe. Eu sou *voyeur*, me excito muito com filmes pornográficos, tanto hetero como gay. Estranhamente, não me excito com filmes de lésbicas. Acho que por ter esse problema com minha genitália, ver a mesma coisa numa mulher não resolve muito bem na minha cabeça e corta meu tesão...Ah, comecei aos 6, 7 anos.

Gil prefere filmes de gays:

Comecei com uns 5 anos de idade. Deitava de braços e comia o colchão. Claro que eu não sabia o que estava fazendo e nem entendia como aquela ação me dava prazer. Mais tarde, comprava revistas gays masculinas e assistia a filmes pornôis gays porque, além de invejar os corpos dos caras, gostava da forma como rolava a pegação. Me parecia mais real. Os filmes heteros sempre foram muito chatos, tipo o mesmo. Imaginava que era um dos caras, que o outro cara era uma mulher e aproveitava o cenário para viajar. Uma das minhas ex ficou chocada quando viu que me masturbava vendo filmes de caras gays.

Para Estênio³¹,

Meu tesão é comer homem. Adoro sentir que minha xoxota é um pau e comer a bundinha de um homem gostosinho. Mas nem sempre consigo um homem afim né? O jeito é me tocar gostoso. Aí fico de braços me esfregando no travesseiro como se ele fosse uma bundinha gostosa. Sim, me defino um transhomem gay. Gosto de outros homens.

Já para Rogério³²,

³¹ Estênio. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº. São Paulo, 2012.



Eu gosto de comer homem que se sinta mulher, que seja travesti ou mulher trans ainda não transicionada, ou que seja uma pessoa não-binária do tipo demigirl, sabe? Mas sem transição! Enfim, que tenha o corpo de homem mas a identidade feminina. Pelo menos romanticamente ou sexualmente, na cama, que seja a mulher. E eu seja o homem. Adoro comer... como? Assim... minha boceta é meu falo, e o pau desta pessoa é a boceta. Rola a inversão, né? Eu gosto do corpo do homem com a identidade de mulher. Como você vê, eu sou o oposto. Sou um transhomem com o corpo feminino. E identidade de homem.

Como vemos, os corpos são ressignificados em função do que se tem, da imaginação e da procura de um maior prazer, demonstrando um grande mosaico de possibilidades eróticas.

A respeito das primeiras experiências de masturbação, muitos transhomens relatam ter se iniciado através da estimulação com bonecas. É o que narra Jaime³³:

Todas q eu ganhava dava para minhas irmãs. Mas um dia ganhei uma quase do meu tamanho (tinha 6 anos) e fazia ela de minha namorada; beijava, pegava nos peitinhos. Um dia minha mãe estranhou o fato de não largar mais a boneca e resolveu me seguir na casa e no banheiro me viu me esfregando na perna da boneca e ficou sem saber o que fazer (fato q ela me contou), mas acabou me deixando ali terminar o q eu estava fazendo. Depois, vi uma tia minha se masturbando com o jato do chuveirinho (tinha 8 anos). Daí por diante, sempre fazia escondido no banheiro e esfregava no travesseiro, depois q a boneca me abandonou (quebrou). Até hoje me masturbo, mesmo casado.

Jaime demonstra que muitos transhomens mantêm a prática masturbatória após se casar, pois, como ele referiu, “a mulher não dá conta de tanto tesão”. Há também aqueles que, mesmo tendo ou já tido relações com homens cis na imaginação ou no ato real, só conseguem se excitar quando se sentem do gênero masculino. Como conta Iuri:

Comecei com uns 11 anos. Um dos meus amigos da rua, que era mais velho, me mostrou como ele fazia e fiquei tão impressionado que fui correndo pra casa fazer rs. Depois disso adorei, não conseguia parar e ainda gostava de ensinar as amigas como fazer. Brincávamos de mais coisas e eu sempre era o homem a penetrá-las, era gostoso rs. Depois tive relações héteros e parei um bom tempo de sentir prazer com a penetração em mim, só comecei a gostar de novo, quando eu também podia tocar o parceiro e explorá-lo à vontade, se é que me entendem. Quando eu podia me sentir um homem com outro homem, eu sentia prazer. Quando era tratado como fêmea, eu perdia o prazer completamente. Depois que fui me permitindo, comecei a sentir orgasmos muito mais fortes e a ensinar como eu gostava de ser tocado rs. Não tenho mais problemas com meu corpo.

³² Rogério. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão F^o. São Paulo, 2012.

³³ Jaime, Iuri. Respostas dadas à pergunta sobre masturbação feita por Nery, dentro do grupo secreto de Homens Trans do Facebook. Rio de Janeiro, 2015.



Falas como a de Jaime são ricas ao permitir identificarmos imbricações entre prazer/satisfação e autodescoberta, autoestima e contínuas (re)elaborações de (auto)representações subjetivas.

A questão da engenharia e ressignificação identitária da pessoa transmasculina também pode ser percebida em relação a, por exemplo, a gravidez associada à paternidade. Assim como seu aparelho genital pode (legitimamente) ser considerado por este como pênis ou vagina, independentemente de ter realizado alterações cirúrgicas, a pessoa transmasculina (binária ou não) pode se declarar pai. Ou em alguns casos... mãe.

7. Ginecologista, gravidez e pa(ma)ternidade nos transhomens

Para começar, uma das maiores dificuldades é enfrentar um/a ginecologista, independente da gravidez, como foi o caso de Miguel³⁴ que postou publicamente no Facebook:

Sou um homem trans e já faz algum tempo que não vou me consultar, apesar de estar me sentindo mal há meses por causa da reposição hormonal. Sempre que busquei alguma assistência médica fui altamente constrangido, do atendente ao médico, todos os funcionários fazem questão de desrespeitar o meu nome social e me tratar pelo nome civil. Os olhares que recebo quando preciso ir a um ginecologista são perversos, logo na recepção sou tratado como uma aberração. "Como assim, um homem no consultório ginecológico?" - ouço as risadas. [...] não aguentava mais ficar sentindo essas dores em casa.[...] Cheguei na unidade aquele dia e entreguei meus documentos à recepcionista, ela me disse que não sabia se o sistema aceitaria um nome masculino no atendimento ginecológico e que por isso meus registros seriam feitos com meu nome civil. [...] A primeira enfermeira [...] não entendeu o porquê da minha ida à ginecologista. Expliquei a ela que eu era um homem trans e, a partir daquele momento, ela passou a me chamar no feminino na frente de todos os pacientes. Ao final daquela manhã eu estava exausto mentalmente, sentindo um mal-estar que era adoecedor. Cheguei na sala da ginecologista, ela me examinou internamente e disse [...] eu deveria fazer a histerectomia com urgência. Mas eu não tenho condições de arcar pelo particular **e até o SUS não me reconhece em seu sistema da forma que eu existo.** (grifo meu)³⁵

A gravidez de transhomens pode ser considerada uma espécie de transgressão aos paradigmas convencionais que alinham feminilidade, gravidez, aleitamento, concepção e maternidade/paternidade, abalando a dicotomia do binarismo de gênero.

³⁴ Miguel Marques. Salvador, 2016. Depoimento público no seu perfil de Facebook.

³⁵ A Ginecologia é a única especialidade exclusivamente de atendimento feminino. Daí o sistema do SUS considerar o aparecimento de um nome masculino como uma fraude.



No Brasil, há vários transhomens que tiveram ou adotaram bebês antes ou durante a transição e que são tratados como *pais e/ou mães*. Mas há também os que optam, após sua transição, parar a T a fim de engravidar, adotar ou ter bebê através da inseminação artificial em suas companheiras. Uma das demandas de transhomens é a de ter um programa de fertilização assistida no SUS para as pessoas que querem fazer a esterilização ou doar óvulos, como o que já existe para a vasectomia, como se manifestou Orlando³⁶:

Essa é uma opção que eu e outros homens trans fizemos pq a vontade de ser pai era maior do que qualquer pensamento machista! Fiz e não me arrependo. Claro que eu não gostaria que tivesse sido dessa forma. Optei em ter as minhas próprias filhas e não me arrependo, muito pelo contrário. Optar em adotar... não sei se vc vai conseguir por conta da burocracia! Eu tenho um filho adotivo e 3 filhas biológicas.

Há os que não se conceberiam grávidos: “Podem ter homens trans que levam de boas, eu não me vejo assim, prá mim é algo feminino”. Existem os que esperam pela evolução das pesquisas para conceberem seus filhos,³⁷ como relatou Eduardo³⁸:

Descobriram que é possível gerar espermatozoides a partir das células-tronco de uma mulher ou homem. Conseguiram fazer a primeira meiose, porém a segunda, que era necessária para ser formado o espermatozoide, eles ainda não conseguiram. Minha esperança é que consigam e que possamos ter nossos filhos biológicos sem a intervenção de outro homem.

Depois de Thomas Beatie, que se tornou conhecido na mídia como o ‘primeiro homem grávido’ a dar à luz a três filhos, surgiram vários outros como o de Trevor MacDonald, um transhomem estadunidense que se identifica como transgay. Casou com o atual parceiro e depois engravidou. Antes de ter o bebê, pesquisou e descobriu um método de amamentação apesar da com mamoplastia masculinizadora. Através de um dispositivo conectado ao mamilo, o SNS, ele conseguiu alimentar seu filho, contando com uma doação láctea para incrementar sua própria produção. A dificuldade era prover o bebê de leite, tendo um tecido mamário reduzido pela cirurgia.

³⁶ Orlando. Rio de Janeiro, 2015. Diálogo mantido com Nery por Messenger no Facebook.

³⁷ Para maiores informações, veja matérias como, por exemplo, a intitulada *Técnica cria esperma feminino e óvulo masculino* (referência ao final).

³⁸ Eduardo. Rio de Janeiro, 2015. Diálogo mantido com Nery por Messenger no Facebook.





Figura: Trevor MacDonald

Há a história de um casal trans* formado por um homem trans e uma mulher transexual que geram uma criança:

Um casal transgênero do Kentucky, nos Estados Unidos, resolveu conceber dois filhos usando suas identidades sexuais originais. O pai, nascido mulher, ficou "grávido", enquanto ela, que nasceu homem, é chamado de "mãe" pelas crianças". Assim, eles não precisaram recorrer à adoção nem barriga de aluguel.³⁹

Grande parte dos transhomens, conforme observou Nery, nas conversas mantidas em grupos secretos do Facebook, tem vontade de ser pai, seja engravidando ou, de preferência, que a companheira engravide, embora haja alguns que não suportam sequer a idéia, como Alison⁴⁰: “Acho que só de imaginar um negócio desses acontecendo com a gente, dá até frio na espinha, por isso a gente diz que respeita, mas é difícil de entender, é uma coisa muito tensa rsrs”.

Tensões e negociações surgem como as relativas à quais locais seriam considerados “éticos” ou “convenientes” para um transhomem amamentar em público, ou os que optaram por não transicionar e ter filhos. Como narrou Davi⁴¹, por exemplo,

Ser transgênero masculino, gay, sem terapia hormonal e mãe resume toda a minha vivência pessoal. Nasci mulher, fui vestido de cor de rosa e experimentei todos os dissabores de viver em uma

³⁹<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/casal-transgenero-tem-pai-gravido-nos-estados-unidos/?cHash=0151ac3962862d8b77f153223a06d7e1>. Acesso em 15 fev. 2016.

⁴⁰ Alison, Rio de Janeiro, 2015. Diálogo mantido com Nery por Messenger no Facebook.

⁴¹ Davi. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão F°. São Paulo, 2015.



sociedade machista e patriarcal. Mesmo habitando um corpo feminino, me sentia um homem atraído por outros homens. Hoje tenho o privilégio de ser mãe de um menino. Sou homem, masculino e uso roupas femininas. Não vejo contradição nisto. Hoje, me sinto um ser completo. Tenho vivido o melhor dos dois mundos, do masculino e do feminino. Experimentei a realização de emprestar meu corpo para que se realizasse a geração de uma vida. Matheusinho tem dois pais, mas chama um deles de mãe. Foi criado por um transgênero gay, mas diz que gosta de meninas. Não criou laços comigo por meio da amamentação. Dar à luz, como homem, me mostrou que ser mãe é prover o desenvolvimento pleno do ser gerado. A concepção, a gravidez, o parto e a amamentação são ações técnicas. Os laços verdadeiros são construídos na convivência diária, que fomenta a confiança mútua e o aprendizado por meio do exemplo. Mãe não tem gênero e nem nicho social, por que concorrer para o desenvolvimento humano do outro é sempre um ato materno.

Ainda há aquelas pessoas transmasculinas que são consideradas pelos filhos tanto como pais como mães, geralmente por terem transicionado após a concepção. Designam-se ou que são designados “como *pães* ou *mães*, misturas de mães e pais.” (MARANHÃO Fº, 2014). Essas possibilidades de auto-declaração – entre ser *pai*, *mãe*, *pãe* e *mãe* – sinalizam para questão fundante na subjetivação: a do (*auto*)reconhecimento.

8. O (re)conhecimento da autoimagem

Uma das formas como a (auto) imagem é elaborada está no ato de mostrar-se/representar-se ao outro. Como explica Bento (2006: p.172), um exemplo está no chamado *Teste da vida real*, um dos itens obrigatórios do protocolo do processo transexualizador do Sistema Único de Saúde (SUS). O candidato (a) deve vestir-se com as roupas do gênero para o qual deseja realizar as adequações, durante um determinado tempo para “provar” que realmente é capaz de possuir o gênero que deseja. Para Nery, isso é algo semelhante a jogar o cristão na arena dos leões, sobretudo se o transhomem ainda está com uma figura ambígua.

Percorrer o caminho em busca da “passabilidade”, que é a capacidade de se parecer o máximo possível com a apresentação social que se espera do gênero oposto, dependendo do grau, nem sempre obtém os efeitos desejados. O problema se encontra no padrão estabelecido para a pessoa ser (re)conhecida como “homem trans legítimo”. É o caso de

quem gostaria de acessar o Novo Mundo mas não preenche os requisitos necessários para passar pela *Alfândega da Passabilidade*, que autoriza ou não a entrada. Tais pessoas às vezes não puderam se submeter a hormonizações, cirurgias ou corrigir seu nome por questões familiares, trabalhistas, econômicas, religiosas, psicológicas, etc (MARANHÃO Fº: 2014b, p.218).



A identidade de *homem trans não transicionado* é tão legítima e válida como a do transicionado, embora a maioria pretenda fazer modificações corporais para adequar sua aparência à sua identidade de gênero. À medida em que os hormônios vão fazendo efeito e a figura ambígua começa a se delinear no gênero masculino, a satisfação do (re)conhecimento é notória, como fala Messias⁴²:

Hoje no mercado um senhor dava conselhos pra uma garota, que ela tinha q namorar um moço novo que nem eu. Olhando para mim, me pediu para mostrar a mão (pra ver se eu tinha aliança). Mostrei uma e continuei com a esquerda no bolso, ele insistiu que queria ver as duas. A moça do caixa, que me conhece desde a infância, mas com quem nunca me abri, pensei que fosse corrigir o senhor, mas ela apenas sorriu pra mim. Eu sem graça, mas super feliz, pq eles me trataram como eu queria. Reconhecimento é tudo!

Gil⁴³ conta que foi ao médico e este estava com seu RG na mão, enquanto lhe receitava os remédios. No fim da consulta, o médico disse: ‘Melhoras ai, GAROTÃO!’ Ele pediu mil desculpas, mas eu fikei mega feliz!! Kkk! Ps: não uso cinta nos ‘invasores’⁴⁴, eles são gigantescos e zero de hormônios”! Miguel, eufórico, compartilhou em um grupo:

Meu pai veio esse mês me visitar e me senti tão bem. Trouxe um perfume masculino de NY deliciosooo de presente! Foi a primeira vez que nos vimos, depois que contei que sou um homem trans![...] Me ajudou inclusive, com o plano de saúde, que estava precisando MUITO. Disse que quer que eu me acalme, organize minha vida e minha mente, que ele irá pagar minhas cirurgias, que a minha felicidade é a dele. Poxa, espero que tudo isso de fato se concretize.

Rafael apresenta uma história parecida: “Adoro quando meu pai me liga e diz ‘E aí, filho!’ É legal ouvir isso. Ele ganha um sorriso meu, dos mais sinceros e felizes. Apesar dos defeitos dele, dou muito valor ao respeito que ele me dá”.

Os transhomens não tem o outro, necessariamente, como centro de suas adequações, embora sem esse não possa haver referencial. De modo geral, o objetivo é agradar primeiro a si mesmo, adequando a aparência à sua identidade de gênero.

Para a maioria dos transhomens, o corpo parece ser um obstáculo ao invés de um instrumento para a sedução, aumentando o sofrimento, como demonstra Robson, mesmo depois de

⁴² Messias, São Paulo, 2015. Diálogo mantido com Nery no grupo secreto Homens Trans do Facebook.

⁴³ Gil, Alan, Rafael, Robson, Oscar, Tadeu. Rio de Janeiro, 2014. Respostas dadas à pergunta sobre autoestima feita por Nery, dentro do grupo secreto de Homens Trans do Facebook.

⁴⁴ Termoêmico usado pelos transhomens para se referirem às suas mamas, também utiliza-se “intrusos”.



ter feito a “mamoplastia masculinizadora” (medicamento chamada de mastectomia): “Às vezes fico tão desanimado com meu próprio corpo que, simplesmente, quando vou tomar banho, decido usar sunga com *packer* pra me sentir confortável por uns minutos”.

A grande expectativa é o medo gerado pelas futuras mudanças em relação aos outros, como declara Oscar:

Fui criado bem livre de "coisas de menina", minhas roupas eram neutras. Me desenvolvi como um menino normal, junto com outros meninos, fugindo das meninas e suas brincadeiras. Só que chegou a puberdade, essa estraga-prazeres, os meninos sacando "que eu não era um deles" e me tratando como um diferente. Daí veio a depressão, com tentativas de suicídio [...] Sabia que havia algo errado, mas não sabia o que era. Tentei "esquecer" e levar uma vida normal. Cheguei a me casar com meu companheiro, que é um cara muito legal e conversamos abertamente sobre as minhas questões e ele me apoia. Junto com ele, percebi que esse incômodo com o meu corpo feminino não era "baixa autoestima" era toda a minha ideia de gênero que não batia com a coisa. Então fiquei lendo relatos de FtM, participando de discussões, me questionando. Agora SEI que quero iniciar a hormonização. Porém, estou parado por conta da apreensão em relação aos OUTROS. Fico pensando no q minha família vai pensar, na faculdade e tenho medo q meu companheiro não se sinta mais atraído por mim, porque por mais que me apoie, não se sente atraído por homens.

Tadeu explicou: “ser reconhecido pelos outros eh massa, mas o mais importante, eh ser reconhecido pelas possíveis parceiras, e por mim mesmo, eh claro”! O auto-reconhecimento parece ser, para grande parte dos transhomens, o que realmente importa.

9. Considerações finais

Este artigo se propôs, sobretudo, a apresentar algumas nuances das transmasculinidades, observando, ainda que superficialmente, como essas demonstram múltiplas concepções sobre seus deslocamentos corpóreos e/ou subjetivos. Estamos no início do percurso. É possível entendermos que, com o advento dos estudos queer, do movimento posgenerista (pós-transsexual e pós-transgênero)⁴⁵, surgido no final do século XX e que propõe a extinção total do gênero como categoria para a diferenciação dos seres humanos (o que se dá a partir do “sexo biológico”), outras formas de vivenciar a sexualidade e a identidade de gênero foram despertadas. Esperamos abrir novos diálogos acerca das diversificadas transvivências masculinas, cientes que tal trabalho não

⁴⁵ Transgenerismo, transgeneridade e posgenerismo. Disponível em: <<http://www.leticialanz.org/transgenerismo-transgeneridade-e-posgenerismo-09-06-09/>>. Acesso em: 15 mar. 2013. Ver ainda Kim Pérez (2010, p. 109).



esgotará o assunto: há ainda muito a ser refletido e colocado em discussão, contribuindo para que novas pesquisas sejam feitas e a ampliação dessas reflexões.

Referências

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro, RJ, Garamond, 2006.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero uma perspectiva global*. Nversos, São Paulo, SP, 2015.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. A aniquilação de uma mulher transexual no candomblé através do Facebook. In: SOUZA, Sandra Duarte de; SANTOS, Naira Pinheiro dos (Orgs.). *Estudos feministas e religião: tendências e debates*. Curitiba: Prismas, 2014a.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. A Pomba-gira Lady Gaga e a travesti indígena: (Re/des) fazendo gênero no Alto Rio Negro. In: *Mouseion* (UniLasalle), v. 22, pp. 151-175, 2015a.

_____. Apresentando notas sobre (re/des) empoderamentos de pessoas transgêneras e ex-transgêneras. *Oralidades, Revista de História Oral da USP*, Ano 8 n.13, p. 131-152, 2016a.

_____. "É prá baixar o porrete!" Notas iniciais sobre discursos punitivos-discriminatórios acerca das homossexualidades e transgeneridades. *Mandrágora, São Bernardo do Campo*, v. 21, n. 21, p. 47-87, 2015b.

_____. "Jesus nasceu pra gente que é travesti e trans também, meu bem". O primeiro Natal do Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais da CCNEI. *Revista Jesus Histórico e sua Recepção*, VIII, 15, p. 131-149, 2015c.

_____. Sai desse corpo que esse caminho não te pertence! Pessoas trans* e ex-trans* em (re/des)caminhos de gênero, corpo e alma. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano VIII, n. 24, p. 197-219, 2016c.

_____. "Sou presbiteriana crossdresser e saio do armário no Facebook" (Re/des) Montando identidades trans* em rede e na rede. *Revista Observatório*, Palmas, v.2, n.1, p. 138-160, 2016d.

_____. *(Re/des) conectando gênero e religião*. Peregrinações e conversões trans* e ex-trans* em narrativas orais e do Facebook. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014b.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica pela normatização. In: *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº21, 2009.

NERY, João W. De uma viagem solitária ao ativismo. *Periodicus*, Guerrilha de linguagem: re(ex)sistência cultural e subversão dos regimes de poder, v.1 n. 4, 2015a.

_____; MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Transhomens no ciberespaço II: micropolíticas das resistências. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *(In)Visibilidade Trans 2*. *História Agora*, v. 16, nº 2, p. 139-165, 2013.

_____; _____. Transhomens no ciberespaço: biopolíticas nos tecno-homens. In: BENTO, Berenice (Org.). *Desfazendo gênero*. Subjetividade, cidadania, transfeminismo. Natal: Editora da UFRN, 2015, pp. 105-130.

NERY, João Walter. *Viagem solitária – memórias de um transexual trinta anos depois*. São Paulo: Editora Leya, 2011.

NERY, João Walter; GASPODINI, Icaro Bonamigo. Transgeneridade na escola: estratégias de enfrentamento. In: SOUZA, Rolf Malungo (Org.). *Coletânea Diversas Diversidades*. Niterói: Universidade Federal Fluminense (UFF), 2015. p. 61-80b.

Internet



Nos EUA, casal transgênero tem 'pai grávido' e mãe drag queen. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2014/08/11/nos-eua-casal-transgenero-tem-pai-gravido-e-mae-drag-queen.htm>. Acesso em: 12 abr. 2013.

PRIMEIRO homem grávido vive feliz com os três filhos mesmo enfrentando preconceito. Disponível em: <http://www.gspace.com.br/primeiro-homem-gravido-vive-feliz-com-os-tres-filhos-mesmo-enfrentando-preconceito.html>. Acesso em: 10 nov. 2012.

Técnica cria esperma feminino e óvulo masculino. *Exame Info* (26 ago. 2013). Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/ciencia/2013/08/tecnica-cria-esperma-feminino-e-ovulo-masculino.shtml>. Acesso em ago. 2013.

Transgenerismo, transgeneridade e posgenerismo. Disponível em: <http://www.leticialanz.org/transgenerismo-transgeneridade-e-posgenerismo-09-06-09/>. Acesso em: 15 mar. 2013.

REGIÃO NORTE		REGIÃO SUDESTE	
ESTADO	QUANTIDADE DE TRANSHOMENS AUTODECLARADOS	ESTADO	QUANTIDADE DE TRANSHOMENS AUTODECLARADOS
Acre	2	São Paulo	958
Amapá	1	Minas Gerais	289
Amazonas	26	Rio de Janeiro	374
Pará	70	Espírito Santo	49
Rondônia	15		
Roraima	8		
Tocantins	16		
TOTAL	138	TOTAL	1670
REGIÃO NORDESTE		REGIÃO CENTRO OESTE	
ESTADO	QUANTIDADE DE TRANSHOMENS AUTODECLARADOS	ESTADO	QUANTIDADE DE TRANSHOMENS AUTODECLARADOS
Pernambuco	130	Goiás	154
Paraíba	41	Mato Grosso	23
Rio Grande do Norte	49	Mato Grosso do Sul	49
Sergipe	32		
Ceará	138		
Bahia	133		
Maranhão	20		
Piauí	25		
Alagoas	32		
TOTAL	600	TOTAL	226
TOTAL DE TRANSHOMENS NO BRASIL:	3091		

Anexo: Tabela 1: Pesquisa quantitativa dos transhomens binários e n-b no Brasil, segundo levantamento dos grupos censitários por estado, no perfil de Facebook de João W.Nery II, em 2016.

